

FICCIONALIDADE E REFERENCIALIDADE NA AQUISIÇÃO DE NARRATIVAS ESCRITAS¹

PASCOALINA BAILON DE OLIVEIRA
UNICAMP

I – INTRODUÇÃO

Os textos que analiso neste trabalho, que faz parte de um projeto maior, foram produzidos por crianças oriundas de escolas públicas e de uma escola evangélica da Grande Porto Alegre e por crianças de Paulínia, também oriundas de uma escola pública.

A coleta se deu em sala de aula. A orientação dada às crianças foi: "Contem algo de interessante que aconteceu com vocês". No entanto, enquanto em Paulínia isso foi feito pela própria professora, na Grande Porto Alegre foi uma pesquisadora quem coletou os dados, aliás, neste caso, fazem parte de um projeto de formação de um banco de dados que está sendo executado pela UFRGS, PUC/RS e UFPel, sob a coordenação da UFRGS.²

A questão que está norteadando a minha análise é: como essas narrativas mostram a criança nas suas experiências? Como entender esses relatos de eventos em que a criança deveria estar envolvida? Estas perguntas se fazem pertinentes considerando-se a situação discursiva em que tais textos foram produzidos. Ou seja, a solicitação pedia o relato de uma experiência pessoal.

Porém, antes de ir aos dados para analisar essas questões, eu tive a oportunidade de ler uma entrevista com o escritor argentino, radicado na França, Hector Bianciotti. Ao falar sobre seu último romance, ele o classifica de "autoficção" negando com isso a possibilidade de autobiografias. Segundo ele, "A memória e a imaginação trabalham juntas. Nós não nos lembramos do fato em si, mas da última vez em que nos lembramos dele. A autobiografia é simplesmente impossível, daí o termo autoficção." (Folha de São Paulo, 19/12/93). Guardadas as devidas proporções – entre a ta-

¹ Uma versão mais simplificada deste texto foi apresentada no XLII Seminário de Linguística do GEL.

² Agradeço à Dra. Ana Maria de Mattos Guimarães a permissão para fazer uso dos dados e à mestranda Carmem Luci da Costa as informações atenciosamente prestadas.

refa de escrever um romance e de escrever, num ambiente escolar, um relato de experiência pessoal – pareceu-me, inicialmente, pertinente dizer que essa afirmação de Bianciotti também se aplicaria aos meus dados. Ou seja, a criança não relataria o fato em si, mas segundo a última vez que se lembrou dele.

Essa reflexão intuitiva do autor, no entanto, serviu apenas como ponto de partida na busca da compreensão dos meus dados. Isto porque, tal como formulada por Bianciotti, ela é redutora, uma vez que deixa entrever não os eventos, as experiências sendo modificadas no momento em que tornam-se fatos presentes na narrativa, mas simplesmente como foram lembrados "numa última vez" que poderia estar temporalmente antes do momento do ato de narrar. Ou seja, o autor coloca a questão em termos de efeitos da memória. Porém, o que ela, a memória, teria a ver com a transformação ou ficcionalização do fato/evento na construção da narrativa?

Como ficará indicado pela análise de dados, a memória em si, seja ela atual ou remota, propicia muito poucas transformações.

O que fica ausente nessa posição é o fato de que é no momento mesmo da enunciação, de acordo com a situação discursiva em que o sujeito está inserido, que se constrói o enunciado e, conseqüentemente, o texto. A configuração do narrado se dá no momento do relato, determinado por fatores que justamente procurarei discutir.

A esta altura, é fundamental retomar o trabalho de Kostenbaum (1993). Tendo como objeto de análise a narrativa dos sonhos, a autora introduz o seu trabalho com uma análise crítica da obra "Teoria de la Narrativa" de Mieke Bal, tomando-a como representativa das abordagens tradicionais da narrativa. Kostenbaum afirma que estas abordagens se detêm "nos efeitos que o próprio texto cria, assimilando-os aos processos que estão por detrás desses efeitos" (p. 2) o que as levam a tomar a realidade vivida "como ponto de referência do narrado, critério que está na base da distinção entre o relato e a ficção..." (idem). Este é o critério distintivo que subjaz à noção de autoficção de Bianciotti.³

Segundo essa autora, para Bal a narrativa é construída de acordo com a seqüência de fatos verossímeis (nível da fábula) que são "reordenados", "filtrados" por um focalizador (nível da história), cuja a realidade é representada linguisticamente ao nível do texto, garantindo assim a unicidade de percepção entre autor e leitor. Bal opera, pois, com uma visão psicológica do sujeito. Isso, de acordo com Kostenbaum, a impede de reconhecer o submetimento tanto do autor quanto do leitor ao texto. Para ela, "pensar o textos e seus efeitos de referencialidade tanto do lugar de quem

³ É também com base neste critério que Perroni (1992) distingue três tipos de narrativa: "relato", "estória" e "caso".

escreve quanto de quem lê, exige considerá-lo do ponto de vista dos processos discursivos que o tornam possível" (p. 25).

O que é de importância neste momento, portanto, é assumir que a idéia de ficcionalidade ou de referencialidade e seqüencialidade temporal dos eventos em uma narrativa é, antes de tudo, um efeito do texto, não uma realidade que o antecede.

II – BREVE ANÁLISE DE DADOS

Procuo analisar estes efeitos nos meus dados. Porém, devido à escassez de espaço, escolhi apenas alguns textos para discutir alguns aspectos que, acredito, ilustram bem o ponto de vista que venho defendendo:⁴

1 – "Num dia ensolarado eu e minha prima saímos para andar de bicicleta na rua e lá tinha um morrinho de pedra.

Dai eu subi lá e eu cai e meu pai me trouxe para casa e limpou o meu machucado e sarou." – ASS – 8,5 anos (POA)

2 – "Ontem eu estava jogando botão com o meu primo ele me deu um soco e eu fui de castigo minha mãe me chingou depois fui jogar de novo" ICA – 8 anos (POA)

Em (1) a localização temporal dos eventos é dada por "num dia ensolarado". Discursivamente falando, esta expressão se diferencia, por exemplo, de "ontem" em (2), na medida em que aquela, se não se enquadra exclusivamente no discurso narrativo ficcional, sofre restrições de uso num relato de experiência pessoal, ao contrário de "ontem", "no ano passado", etc. Aliás é possível mesmo dizer que "num dia ensolarado" fornece o pano de fundo típico para a ficcionalização. Neste sentido, "num dia ensolarado" parece se aproximar de expressões como "era uma vez" (ver (7)), e se diferenciar de expressões como "um dia" (4), na medida em que expressões desta natureza são discursivamente menos marcadas quanto ao aspecto ficcional.

Isso me leva a pensar em paradigmas ou padrões discursivos. Ou seja, em certos elementos mais ou menos previsíveis numa dada posição estrutural na composição de textos de uma certa formação discursiva. No caso em questão, as expressões desse paradigma apareceriam sempre no início dos textos de narrativas tradicionais. Isso não quer dizer que alguns elementos desse paradigma, como, por exemplo, "num dia ensolarado" não tenham movimentos mais livres que outras como "era uma vez". "Num dia ensolarado" pode aparecer tanto em textos que não produzam

⁴ Os grifos nos textos são meus.

um efeito de narrativas estritamente tradicionais quanto em outras posições que não o início da narrativa.

Além disso, no contexto discursivo em que foi utilizada, (texto (1)) a expressão "num dia ensolarado" parece indicar que há nesse exemplo uma composição que advém de diferentes universos discursivos. Isso pode ser observado também em (3):

3 – "Era uma vez eu tava andando de bicicleta tava entortando para o outro lado e eu caí da bicicleta e de pois eu sobi de novo e ela continuou andando mas torta e depois foi avesso-meu colega anda." – MLN – 7,4 anos (POA)

Neste sentido, a noção de "colagem" (Perroni, 1992), é de extrema importância na descrição e interpretação destes dados.

Este estudo de Perroni tem como objetivo a aquisição de narrativas orais, mas seu conceito de colagem é pertinente também para o meu trabalho. Segundo ela, "a colagem resulta da incorporação e ajuste de construções sintático/semânticas da estória tradicional nos textos da criança" (p. 227). Ainda de acordo com ela, as colagens, tanto de fragmentos textuais, quanto de excertos de diálogo evidenciam que as apropriam-se desses discursos de forma não reelaborada. No entanto, segundo ela, esse cruzamento de estórias e relatos no que ela denominou de "casos" indica que a criança já começa a estabelecer uma distinção entre o texto narrativo e outros tipos de texto ("casos" ficam a meio caminho entre as estórias ficcionais e os relatos. Num 'caso' não há compromisso nem com o enredo fixo, ao contrário das 'estórias', nem com a "verdade" ao contrário dos relatos" (p. 76)).

Trazendo essa noção de colagem para o terreno teórico em que está baseado o meu trabalho, é interessante reelaborá-la, concebendo-a como um processo de **cruzamento de universos discursivos distintos**.

No caso dos dados em questão, são justamente elementos como "era uma vez" em (3) e "num dia ensolarado" em (1) que aparecem mais evidentemente incorporados no que, a princípio, seriam relatos, como resultado do processo de cruzamento de universos discursivos. Isso significa que, nestes casos, a criança ainda não entrou totalmente no discurso do relato de experiência pessoal. A sua relação com este discurso ainda está, de certa forma, mediada pelo discurso das estórias tradicionais.

Os textos (4), (5), (6), e (7) prestam a uma reflexão em torno de um outro interessante aspecto relacionado ao efeito do texto: o título.

4 – "Um dia a minha mãe pensou que eu estava dormindo e la me botou na cama e saio e la estava tomando café e eu estava acordado e eu fui bem de vagarinho e dei um susto nela e ela quase morreu do coração = fim" – FP – 8,6 anos (POA)

(4) produz um efeito de referencialidade e fidelidade à seqüência dos acontecimentos "reais". A partir do texto ninguém duvidaria de que tudo se passou realmente dessa forma. A expressão "um dia" com que a criança introduz a narrativa ajuda a produzir este efeito. Em (5) já aparece o título:

5 – "A bagunça

Eu fis baganguça no quarto a minha mamae brigou com migo eu arumei o quarto" – JWN – 7,4 anos (POA)

Um questionamento que faço é: até que ponto é adequado um título para um relato de experiências pessoais com as características apresentadas em dados como este? Não seria o título neste contexto discursivo uma forte influência dos textos com os quais a criança teve contato na escola (veiculado nos textos de cartilhas, livros de iniciação à leitura e estórias ficcionais tradicionais), ou mesmo da prática escolar de redação em que é comum a presença de um título? Será que, mesmo enfocando a experiência pessoal, alguns relatos pelas suas características discursivas permitiriam um título?

Porém, a questão pode, e deve, ser colocada numa relação de certa forma inversa à última pergunta que coloquei no parágrafo anterior. Ou seja, como o título, transposto de outros universos discursivos para um texto que, a princípio deveria ser um relato de experiência pessoal, afeta a criança na constituição do restante do seu texto? Ou, colocada de uma forma mais direta: a relação da criança com o "real vivido", via linguagem, permanece a mesma depois que ela (a criança) dá ao texto um título? A minha hipótese⁵ é de que o título nessa situação discursiva, em maior ou menor grau, "empurra" a criança para um "lugar mais ficcional". Mesmo nos textos em que a criança usa a primeira pessoa, o título vem trazer à experiência uma outra dimensão. Em (5), pode-se dizer que o elemento que produz o efeito de ficção está restrito basicamente ao título. Já em (6) e (7) abaixo todo o texto é altamente ficcional:

6 – "Um dia na mata

Num dia eu fui na mata eu entrei na mata e eu vi uma homela em cima do morro e meu irmão fal.

Estamos na mata amasonica e um home sio correnda atras de nos e a gente Saimo correndo muito e eu cortei o pé e cai no chão e na ora que eu levantei ele estava com 2 cachorro.

ai meu irmão veio me salvar e meus colegas também veio me salvar.

meu colega tinha 14 anos e ele distraill o home para não mepegar.

⁵ Essa hipótese, na verdade, foi sugerida por Maria Fausta Pereira de Castro, a quem agradeço.

E o home tinha soltado os 2 cachorros atras deles e de pois irmão do meu colega foi taca uma pedra bem na cabeça do home e nos cachorro e meu irma deu meu sapato para eu vesti para eu corre mas eu fui agudar meu colega se não ele ea ser mordido.

Ator - Danilo" - D - 9;9 anos (P 3)

Em (6), ao elemento título acrescentam-se outros que produzem um efeito altamente ficcional, de aventura, como indica o local em que se passam os eventos, ou seja, a "mata amazônica". Também o uso do verbo "salvar" remete à idéia de herói, presente em ficções de aventura. O fato D, ao final, declarar-se autor do texto - "ator (autor) Danilo" - produz o efeito de reforçar esse caráter ficcional. O interessante é a forma como D entra nesse jogo de ficção: ao mesmo tempo em que se ficcionaliza pelo texto, mesmo narrando na primeira pessoa, o fato de declarar-se autor de tal texto, produz como efeito um certo aviso ao leitor para essa sua condição. Autor deve, então, neste contexto, ser lido como "ficcionalizador".

7 - "A mata

Era uma vez um menino chamado **Ronaldo**.

Ele vivia tirando férias até que chegou um dia que sua mãe não deixou ele tirar verias.

Al ele comeou a conhecer **um linda matra** mas so que ele tinha medo de entrar na mata depois de três dia que ele criou coragem e entrou na **mata** ele achou muito linda a quela **mata** ai ele chamou ceus colegas para ir todo o dias com ele" - R - 9;? (P 3)

Aqui, junto do título, vem a terceira pessoa fazendo emergir o nome próprio. É interessante observar que a narrativa é iniciada com a expressão "era uma vez" extraída do discurso narrativo tradicional e inserida no texto pelo processo que estou denominando de "cruzamento de universos discursivos distintos". Além disso, o nome do personagem da narrativa coincide com o nome do autor, ou seja, Ronaldo. Estes dois aspectos, acrescidos de uma ausência de maiores informações quanto à identidade do personagem, me levam a postular que ao mesmo tempo que o autor se esconde numa narrativa de 3ª pessoa, ele também se mostra na medida em que cria um personagem com o seu próprio nome. Neste texto também aparece o elemento "mata", que remete a um discurso ficcional. Ficção e realidade então se misturam e, a princípio, não é possível determinar os seus limites.

Este texto ilustra como nenhum outro no "corpus" de que disponho o amálgama da ficção e da "realidade" e a impossibilidade de uma delimitação precisa entre os dois terrenos, reforçando com isso a idéia de que é a situação discursiva na sua totalidade que determina, em grande parte, o processo de escritura e, por isso mesmo, a relação entre ficção e realidade.

Referencialidade e sequencialidade temporal ou ficcionalidade são, portanto, como coloquei anteriormente, um efeito do texto, não uma reali-

dade dada a priori. Isso aponta para a necessidade de uma reelaboração teórica dos conceitos de "estória", "relato" e "caso".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 19 dez. 1993.
KOSTEMBAUM, A. B. (1993). *Sobre a narrativa do sonho*. IEL/UNICAMP. (Tese de Doutorado)
PÊCHEUX, M. (1990). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.
———. (1988). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP.
PERRONI, M. C. (1992). *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: M. Fontes.